



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17847 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

“SEM QUERER QUERENDO?”: Notas sobre mulheridades no seriado Chaves (1978)

Dayanna Louise Leandro dos Santos - UFS - Universidade Federal de Sergipe

“SEM QUERER QUERENDO?”: Notas sobre mulheridades no seriado Chaves (1978)

1 INTRODUÇÃO: SUSPEITAMOS DESDE O PRINCÍPIO

México, década de 1970. Numa época em que o mercado televisivo privilegiava a exibição de programas produzidos em território estado-unidense, as moviment(a)ções de um garoto pobre e órfão junto à vizinhança de uma vila popular encantava a pupila do público latino-americano.

Com cenografia de baixo custo e enredos demarcados por improvisos, Chaves conquistou alto índice de popularidade e audiência, possibilitando-lhe ultrapassar fronteiras e nichos mercadológicos. Ao exportar episódios para diversos países da América Central e do Sul, o referido programa tornou-se um fenômeno internacional cativando gerações aficionadas por personagens icônicos e memoráveis bordões.

Para além da lógica do entretenimento, as representações televisivas contribuem na produção de sentidos e constituição de identidades, configurando-se enquanto dispositivo pedagógico dotado de subjetivações ao naturalizar e/ou criminalizar determinadas formas de ser, existir e atuar em sociedade.

Neste sentido, o presente trabalho emerge por entre arruaças provocadas no encontro da indústria cultural com a educação para as relações de gênero: Quais os possíveis lugares reservados às mulheridades neste renomado programa televisivo mexicano? Como questões de gênero, geração e classe se entrecruzam nos discursos produzidos por esta pedagogia cultural?

No intuito de compreendermos os sentidos atribuídos às mulheridades no seriado Chaves partiremos de três objetivos distintos: 1. Analisar os ambivalentes modos de representação acerca das mulheridades que circulam e se cruzam no enredo do programa; 2. Investigar como tais discursos são atravessados por encruzilhadas através do encontro entre diferentes demarcadores sociais (gênero, geração e classe social); 3. Relacionar as narrativas apresentadas no seriado com os embates

políticos mexicanos vivenciados na época, sobretudo em relação aos direitos das mulheres.

Sendo assim, para possibilitar caminhos nesta rota investigativa, iniciaremos apresentando o reflexo do jogo político mexicano na constituição de sua indústria cultural, observando as fronteiras e trincheiras que demarcam estes espaços. Em seguida, traçaremos um breve perfil das principais personagens femininas da série e, por fim, analisaremos o episódio "O concurso de beleza" (1978) considerando que parte de seu mote narrativo é baseada numa sátira ao chamado "movimento de liberação das mulheres femininas". Destacamos que a presente análise faz referência a versão brasileira do episódio: com vantagens e desvantagens, a dublagem tem o poder de influenciar o espectador no que diz respeito ao contato com a cultura da língua-fonte.

Ao lançarmos olhares sobre processos educativos, criativos e generificados vinculados ao seriado Chaves, poderemos observar uma complexa e contraditória teia de significados expressas em seus enredos e personagens: Apesar da pluralidade de discursos que reafirmam o lugar das mulheres dentro das normas hegemônicas de gênero, há sempre espaços de contestação a compor o mapa das brechas, movimentos esses pautados na promoção de diálogos emergentes e vozes insurgentes dispostas a trazer novas lições.

2. DESENVOLVIMENTO: TINHA QUE SER O CHAVES!

2.1 "Pois é, Pois é, Pois é": Cenário político mexicano e Indústria Cultural

Entre os anos de 1929 e 2000, o Partido Revolucionário Institucional (PRI) assumiu o governo mexicano defendendo um projeto político controverso composto por uma política de favores ancorada na máquina estatal, na cooptação dos movimentos sociais e de uma suposta postura democrática que contrastava com a implementação de métodos de tortura e repressão política (SILVEIRA, 2012).

Durante a gestão do PRI, o país sediou a Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas de Verão, tornando-se centro de atração internacional não apenas por atrair milhares de turistas, mas também por instigar na imprensa um senso investigativo sobre a realidade política e socioeconômica daquele território.

Os conflitos sociais decorrentes do desordenado processo de urbanização, da turbulência política e dos altos índices de marginalização social (CARVALHO, 1997) eram, até certo ponto, mascarados pela indústria cultural fortemente influenciada pelo governo. Dentre deste escopo, situa-se o seriado Chaves ainda que dotado de ambivalências: ao mesmo tempo que atendia aos interesses dos setores mais conservadores, também trazia importantes denúncias sociais sobre o solo mexicano.

2.2 "Não quer entrar e tomar uma xícara de café?": Breve esboço sobre mulheridades em Chaves

Grande parte dos episódios do seriado acontece na cenografia de uma pequena e precária vila mexicana. No pátio principal há três residências onde habitam os

principais personagens: Dona Florinda com seu filho Quico; um senhora solteira e aposentada chamada Dona Clotilde, e Seu Madruga com sua filha Chiquinha. Considerando o foco do nosso trabalho, lançaremos um breve esboço das três protagonistas femininas presentes no programa.

1. Chiquinha: Garota de oito anos, desdentada e de baixa estatura. Suas sardas constituem ponto de ligação com o personagem principal, Chaves, pelo qual nutre uma paixão ingênua e profunda ainda que não correspondida. Perdeu sua mãe por complicações no parto, sendo criada pelo pai (Seu Madruga) que não consegue lidar com seu comportamento dissidente quanto aos ditos padrões de feminilidade. Diferente de uma menina submissa ao modelo de gênero estabelecido culturalmente (dedicada aos estudos, recatada, usando vestido engomado e cabelo arrumado), Chiquinha é considerada a mais astuta e malcomportada da vizinhança,

Seu alto nível de esperteza, poder de convencimento e liderança lhe rendem amplas vantagens nos ambientes de sociabilidade e na luta pela sobrevivência, reverberando o ideário do movimento feminista em vigor na década de 70 ao reivindicar novas ideias, imagens e formas de representação feminina pela indústria cultural (GROZS, 1995) assim como a garantia de direitos sociais para mulheres pobres, a exemplo de moradia, educação, saúde, apoio jurídico e psicológico (BARTRA, 2011).

2. Dona Florinda: Mulher de meia idade, apresenta as melhores condições financeiras do vilarejo, graças a pensão recebida após a morte do seu marido e capitão da marinha Frederico Matalascallando, com quem teve um filho chamado Quico. Ao mesmo tempo em que força e bravura são características marcantes desta “velha valentona” (apelido dado por Chiquinha), a personagem também expõe suas dificuldades ao criar um filho sem qualquer rede de apoio.

Vigilante da ordem, da disciplina e da limpeza, conserva uma arrogância que só é inibida pela paixão que sente pelo Professor Girafales, um homem galanteador que sempre lhe oferta um ramallete de flores e, em troca, é convidado para entrar em sua casa e tomar uma xícara de café. Segundo Renó (2009), Dona Florinda pode ser associada à figura da Malinche, uma mulher da mitologia mexicana que foi oferecida ao espanhol Cortês e que todos seus filhos são chamados de “Hijos de la Chingada” (filhos da estuprada, violada).

3. Dona Clotilde: Senhora (ou se-nho-ri-ta!) que reside numa casa da vila junto ao seu animal de estimação chamado de Satanás. Ela usa uma vestimenta considerada antiquada e um chapéu. Por não obedecer aos padrões estéticos de beleza, tenta ganhar Seu Madruga através do estômago, ofertando-lhe pratos e guloseimas. Sua casa é vista nos episódios pela ótica do imaginário infantil marcada pela presença de caldeirões e, até mesmo, de uma vassoura voadora.

Popularmente conhecida como “Bruxa do 71”, a referida personagem reforça a clássica representação dos produtos culturais da mulher idosa enquanto bruxa. Segundo Carolina Rocha Silva (2017), esta maneira de retratar a figura feminina é uma herança da tradição ocidental, misógina e repressiva, que vem sendo construída desde o período medieval e adquire novos contornos na contemporaneidade.

2.3 “O Concurso de beleza”

“O concurso de beleza” foi exibido no dia 24 de julho de 1978 em horário especial, antecedendo a transmissão do Concurso Miss Universo pela emissora mexicana. O episódio inicia-se com Chaves improvisando uma partida de beisebol no pátio da vila. Utilizando-se de uma vassoura e uma pequena bola, o garoto ensaia jogadas solitárias sendo observado por Chiquinha que permanece sentada no degrau mais baixo da escadaria.

Este posicionamento da personagem reafirma o lugar da mulher enquanto expectadora em determinadas práticas recreativas considerando que, num exercício esportivo de natureza coletiva, Chaves prefere jogar sozinho do que em conjunto com uma menina. Sua falta de habilidade é satirizada por Chiquinha na medida em que, a cada erro de jogada, a personagem lança comentários depreciativos sendo respondida com ameaças de agressão física.

Segundo Cruz (2006), uma das vertentes motivadoras de conflitos na infância encontra-se fundamentada nas noções que lhes são anunciadas sobre masculinidades e mulheridades, comumente arraigadas por uma perspectiva antagônica e machista. Desta forma, as antipatias mútuas tão comuns entre meninos e meninas se expressam no seriado através de frases ditas por Chaves a exemplo de “mulher não pode jogar beisebol” negando assim a participação de Chiquinha e, ao mesmo tempo, aceitando posteriormente o ingresso de Quico na brincadeira.

Como argumento reivindicatório, Chiquinha recorre a princípios defendidos pelo movimento de “liberação das mulheres femininas”. Durante sua exposição, a postura corporal, gestual e a entonação vocal da personagem expressam posição de superioridade de quem detém o conhecimento sobre algo, até então, desconhecido pelos garotos.

Esta referência ao movimento organizado por mulheres reflete o contexto histórico mexicano vivenciado na época. Segundo Batra (2011), a década de 1970 é marcada pela emergência do chamado neofeminismo ou feminismo histórico: o *Movimiento de Liberación de la Mujer* (1974), a *Coalicón de Mujeres Feministas* (1976) e a *Frente Nacional por la Liberación y los Derechos de las Mujeres* (1979) trazem novos contornos seja através de demandas, estratégias de organização política e de posicionamentos que, até então, não haviam ganhado tanta expressividade no país, tais como maternidade voluntária, despenalização do aborto e apoio às mulheres vítimas de violência doméstica.

Apesar da articulação e resistência do movimento feminista mexicano estimular reflexões sobre políticas públicas para mulheres, a concepção de Chiquinha sobre feminismo é apresentada de maneira sarcástica sendo na medida em que a mesma chegar a afirmar que: *“Agora nós mulheres não temos mais que pedir permissão aos homens, para não cometer as barbaridades que nós cometíamos antes quando não nos davam permissão”*.

Posteriormente, a personagem retoma a discussão de forma imperativa e jocosa: *“(...) de agora em diante as mulheres vão trabalhar e os homens vão ter os filhos”*. Em contrapartida, a garota alinha seu discurso face ao interesse afetivo por Chaves ao afirmar que um dia poderá fazer o favor de se casar com ele. Para o desespero da mesma, a proposta acaba sendo rejeitada e, ao se sentir insultada “na época da liberação feminina”, sai de cena aos prantos.

Ao retomar a partida de beisebol com Quico, Chaves reitera o discurso misógino e

machista, fundamentado na estratificação dos papéis de gênero através do enunciado: *“Porque as mulheres não sabem jogar beisebol e só dão palpite. Além disso, quando querem jogar beisebol, elas fazem tudo errado”*. Tal prerrogativa sinaliza “um conjunto de tarefas que, ideologicamente, só poderiam ser por ela executadas” (Soares, 1990, p.58), ou seja, nesse escopo são aceitas apenas atividades privadas ligadas ao cuidado não sendo admitido, portanto, a realização de práticas esportivas.

O episódio prossegue estabelecendo uma relação entre o universo infantil e adulto na vila. Após um mal-entendido com Seu Madruga, Dona Florinda questiona se o mesmo nunca tinha ouvido falar sobre Liberação Feminina, ou seja, mais uma vez o movimento feminista é referendado em meio a situação de conflito. Neste momento, mulheres de diferentes gerações (Dona Florinda/Chiquinha) criam laços do que comumente é chamado de sororidade, sendo considerada “(...) uma experiência subjetiva pela qual as mulheres devem passar com a finalidade de eliminarem todas as formas de opressão entre elas” (Garcia e Sousa, 2015: 14).

Em nome desta “sororidade” proposta pelo Movimento de Liberação Feminina, Chiquinha toma partido em defesa de Dona Florinda se contrapondo ao seu pai que renega a importância do movimento ao disparar a seguinte frase: *“Fiquei sabendo pelos jornais, que elas tinham feito várias fofocas... digo, que tinham feito várias reuniões etc. Mas não me conformo que tenha ficado do lado de Dona Florinda”*.

O posicionamento misógino também pode ser percebido através das associações que Seu Madruga faz em relação à figura das mulheres sendo comparada a um grande estorvo e a encrenca, insultos que apenas cessam quando o personagem percebe que é chegado o dia do concurso de beleza e que seu aparelho televisivo encontra-se quebrado.

Na cena seguinte, cabe a Chiquinha explicar para Chaves sobre a dinâmica do concurso, destacando em sua narrativa critérios como valorização dos atributos físicos e do porte. A influência de um determinado padrão estético não é exclusividade dos adultos, sendo também reproduzido no universo infantil através de uma educação pautada em moldes sociais. Desde cedo, as meninas são estimuladas a suportar pequenas formas de “torturas” para tornarem-se adultas consideradas belas, processo este que é naturalizado e visto dentro de uma lógica de normalidade (FIORANI, 2007).

O impacto desta pedagogia cultural no imaginário da criança é tão forte que Chiquinha reproduz caricaturalmente a forma como as candidatas desfilam e se posicionam, sendo motivo de piada para Chaves. O episódio segue com Seu Madruga pedindo a Dona Clotilde para assistir o concurso de Miss Universo no televisor da sua casa: apesar do interesse em atender o pedido por interesses afetivos, ela lembra que seu equipamento também encontra-se com defeito.

Ao andar pelo pátio, Dona Clotilde desfila em meio a uma locução projetada pelo seu pensamento que a anuncia enquanto candidata do concurso de Miss. Nesta narração, fica perceptível os padrões de beleza imposto as mulheres considerando que as medidas corporais ditas pela locutora não condiz com a da suposta candidata. Ao perceber a presença de Quico, ela se retira do recinto enquanto o garoto agradece pela mesma não ter “desfilado” em traje de banho.

O episódio segue com Seu Madruga executando um plano para assistir o concurso na casa de Dona Florinda, feito conquistado após convencer Quico de que ele não

poderia ficar sozinho em casa, sendo necessária a presença de um adulto. Além dos dois referidos personagens, encontram-se na sala da televisão Dona Clotilde, Chiquinha e Chaves.

Ao chegar em casa, Dona Florinda espanta-se com a presença da vizinhança. Após saber o motivo da visita, a personagem diz que não permitirá a exibição deste programa em sua residência considerando não ter o menor interesse em assistir um desfile com mulheres em traje de banho. A situação se reverte apenas com a chegada do professor Girafales que, apoiado no sentimento que a dona da casa nutre por ele, liga o televisor no programa e pede para que Dona Florinda lhe traga um café, pedido compartilhado também por Seu Madruga.

Na sequência, todos os homens presente no espaço olham fixamente para o televisor enquanto tomam seus cafés. Já as mulheres permanecem concentradas na antessala, demonstrando certo desânimo ao questionarem qual a graça que os homens veem no formato desse programa.

Dona Clotilde destaca o motivo de sua maior chateação: os homens só a querem lhe usar como objeto de adorno. Tal afirmação causa espanto em Dona Florinda por não conceber essa possibilidade considerando tanto a faixa etária quanto a aparência da personagem. Ressaltamos que o tempo não dessexualiza a pessoa idosa, considerando que a sexualidade se encontra presente em todas as fases da vida.

Na tentativa de chamar a atenção dos homens da sala, as três personagens femininas desfilam em frente ao televisor oferecendo-lhes um pacote de bolacha aos telespectadores. Neste momento, instala-se um corporativismo masculino no intuito de assistir o concurso sem qualquer tipo de interrupção, a ponto de durante a intervenção de Chiquinha todos gritarem em uníssono o bordão *“cale-se, cale-se, cale-se, você me deixa louco”*. Conformadas com a posição de subalternidade frente ao apelo sexual do programa televisivo, as personagens compartilham entre si o ódio que sentem pelos homens.

O desfecho do episódio ocorre quando, encerrada a exibição do concurso, o professor Girafales anuncia que, em virtude do horário avançado, precisa voltar para casa. Neste momento, as mulheres se mobilizam para fazer com que os homens mudem de ideia, ofertando pratos de comida e arrumando a mobília de forma confortável para servi-los, ou seja, o imperativo da carência emocional e da submissão feminina se mostram mais forte do que qualquer manifesto feminista.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: TÁ BOM, MAS NÃO SE IRRITE!

A cultura da mídia hegemônica, enquanto dispositivo pedagógico, tem (re)produzido diversos modos de ser, por vezes através de estereótipos, desejos, crenças e normas (inclusive de gênero, classe e geração), atuando fortemente na reprodução de posições de sujeitos.

Ao analisarmos o seriado “Chaves” podemos compreender que, para além do entretenimento, o mesmo encontra-se atravessado por representações de gênero através de discursos e perfis das personagens, ora reforçando a rigidez de papéis sociais, como também provocando fissuras no conservadorismo.

Se no episódio “O concurso de beleza” a desigualdade de gênero é problematizada através da “guerra dos sexos” e o desfecho aponta para o triunfo o conservadorismo, ainda assim nosso olhar também pode ser direcionado a movimentos que burlam normas e acionam outras formas discursivas.

Esse seriado nos possibilita pensar nos ambivalentes modos de existência que circulam e se cruzam no seriado, nos tortuosos e incompletos processos de criação de personagens forjados nas brechas da estrutura normativa e no efeito produtivo dos deslocamentos da política de gênero no México.

REFERÊNCIAS

BARTRA, Eli. **“Feminismo no México: diversidade de vozes”**. *Labrys*, n.19: p. 159-192. jan/jun, 2011.

CARVALHO, N. R. **Do PRI ao Sistema Plural na Transição Mexicana**. In: Revista Lua Nova, n.40/41. São Paulo: CEDEC, 1997.

FIORANI, M. **Padrões de Corpo e Moda. 2007**. 145p. Dissertação (Mestrado em Moda, Cultura e Arte) - Centro Universitário SENAC, São Paulo, 2007.

GROSZ, Elizabeth. **Corpos reconfigurados**. Cadernos Pagu (Corporificando Gênero). Campinas, n. 14, p. 45-86, 2000

RENÓ, Denis Porto. **O seriado o chavo del ocho como um produto folkcomunicação que reflete a sociedade mexicana descrita por Octavio Paz**. RAZÓN Y PALABRA (Revista Eletrônica na América Latina Especializada em Comunicação) <http://www.razonypalabra.org.mx/Reno.pdf>

RUZ, T.; CARVALHO, M. **Jogos de gênero: o recreio numa escola de ensino fundamental**. Cadernos Pagu (26), p. 113-143, 2006.

SILVEIRA, A., WLINGER, C. G., SILVA, M. S. **O seriado Chaves: da alienação à manipulação do povo mexicano durante as décadas de 1970 e 1980**. História em Curso 2.2, 2012, p. 9-18. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/.../article/viewFile/3449/pdf>. Acessado em: 03 ago. 2024.

SOARES, C. L. O pensamento médico higienista e a educação física no Brasil: 1859-1930. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC, São Paulo, 1990.

SILVA, Carolina Rocha. **“As noivas de Satã”: bruxaria, misoginia e demonização no Brasil colonial**. Cadernos de Estudos Sociais e Políticos – Clássicas, Rio de Janeiro, v.6, n.11, p. 68-78, 2017.

Garcia, D.A; Sousa, L.M (2015). **A sororidade no Ciberespaço: Laços Feministas em Militância**. São Paulo, Estudos Linguísticos, n.º 44, 991-1008.